

REDESENHANDO O MENINO: O REAL, O IMAGINÁRIO E O SIMBÓLICO EM CLARICE LISPECTOR

*Humberto Moacir de Oliveira*¹

RESUMO:

Através de uma análise do conto “Menino a bico de pena”, da escritora e jornalista Clarice Lispector, pretende-se discutir o processo de subjetivação da criança. Para isso, os registros sugeridos por Lacan para pensarmos o sujeito humano (real, simbólico e imaginário) serão destacados e analisados a partir de três elementos fundamentais do conto: o menino, o retrato de *O Menino* e a mãe. A análise pretende se deixar tocar pela arte da escritora que nos revela sutilmente os sacrifícios e os ganhos envolvidos na passagem de uma pura existência ao que ela chama de vida.

PALAVRAS-CHAVES: Clarice Lispector, psicanálise, infância, subjetivação.

¹ Professor da Faculdade Pitágoras de Ipatinga. Mestre em Psicologia pela UFMG. Coordenador do CEPP (Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise do Vale do Aço). Endereço: Rua Cedro 317/701. Horto, Ipatinga / MG. CEP: 35160-296. Email: betto7296@yahoo.com.br / Telefone: (31) 8789-7296

Introdução

Se o artista, como sugere o filósofo alemão Arthur Schopenhauer (2003), é aquele que reproduz em sua arte o essencial e permanente dos fenômenos do mundo, difícil imaginar um exemplo tão claro de arte como o conto de Clarice Lispector sobre uma criança em seus primeiros passos de vida. Em “Menino a bico de pena”, texto publicado originalmente no *Jornal do Brasil* em 1969 e posteriormente no livro *Felicidade Clandestina*, Clarice empresta seu poder de encantar o cotidiano a uma cena doméstica essencialmente ordinária. Se em um ato bárbaro, tirássemos os encantos de Clarice, a cena se resumiria a um acontecimento banal: um menino sentado no chão busca se levantar e cai, a mãe o carrega no colo e o faz adormecer, no entanto, passado não muito tempo, ele acorda e pranteia; a mãe, por sua vez, aparece novamente em seu socorro com fraldas na mão e faz a troca enquanto escuta o menino dizer fonfom, o que a alegra. Enfim, uma cena corriqueira em muitos lares de nossas cidades, mas que Clarice elege como matéria prima de seu exercício estético, o executando com rara mestria. A escritora faz então o movimento mencionado por Schopenhauer, para quem a arte:

...retira o objeto de sua contemplação da torrente do curso do mundo e o isola diante de si; e esse particular, que era na torrente fugidia uma parte ínfima a desaparecer, torna-se um representante do todo, um equivalente no espaço e no tempo do muito infinito. A arte se detém nesse particular, a roda do tempo para. As relações desaparecem para ela. Apenas o essencial, a Ideia, é seu objeto (SCHOPENHAUER, 2003, p.59).

Clarice consegue parar a roda do tempo e capturar, do particular da cena, o que ela pode apresentar de essencial e mesmo de universal na experiência infantil. A autora consegue de maneira delicada e poética nos apresentar os riscos, desafios e sacrifícios experimentados pelo ser humano em seus primeiros movimentos rumo à constituição de uma subjetividade. O menino, apresentado logo de início como inescrutável, ainda não é desenhável, pois ainda não foi, nas palavras da autora, domesticado em humano. Para isso precisará se esforçar e, mais do que isso, precisará que outras pessoas também se esforcem. Um dos grandes legados do conto é nos evidenciar, através de uma estética refinada e de um estilo único, que a constituição do sujeito é um processo que envolve o trabalho do ser e do Outro.

O esforço aqui empreendido será justamente o de permitir que a letra de Clarice nos sensibilize de modo a enriquecer a discussão psicanalítica sobre o trabalho de

subjetivação do ser humano, destacando as dores e as delícias dessa passagem “...da existência à vida” (LISPECTOR, 1971, p.152). A teoria psicanalítica lacaniana será o principal referencial que orientará o artigo e os três registros que Lacan nos ensinou a manipular servirão como conceitos básicos para essa leitura do texto de Clarice. O objetivo principal é usar o conto literário para fomentar uma discussão de como o real, o simbólico e o imaginário aparecem no processo de constituição da subjetividade, chamando a atenção não apenas para os sacrifícios envolvidos nesse processo, mas também para os possíveis ganhos dele resultantes. Que o bico da pena de Clarice ajude a iluminar a discussão contemporânea sobre o que é ser criança e o processo de subjetivação pelo qual ela precisa passar.

O menino e o real

A primeira menção que Clarice faz ao menino sentado no chão revela sua sensibilidade para capturar a essência do fenômeno cotidiano: é impossível conhecer o menino. E a autora explica o empecilho para tal conhecimento: “não consigo entender coisa apenas atual, totalmente atual” (LISPECTOR, 1971, p.150). A posição da autora lembra em muito a oposição entre história e real proposta pelo psicanalista Jacques-Alain Miller em seus comentários referentes ao seminário 23 de Lacan. Ao explicar sobre o fenômeno da alucinação, Miller diz que as histórias narradas pelos pacientes em análise supõem uma simbolização primária. Já a alucinação, ao contrário das histórias contadas pelos neuróticos, representa na obra lacaniana uma falha na *historização*, sendo, portanto, um fragmento do real: “A alucinação é ali apresentada como um fenômeno que escapa à história e ao remanejamento histórico subjetivo e semântico da verdade” (MILLER, 2009, p.44).

A oposição entre história e real também está presente em Clarice quando ela diz que a pura atualidade, o que se encontra, então, fora de um processo de *historização*, revela-se um empecilho para o conhecimento do menino. No mesmo parágrafo em que destaca a atualidade do pequeno ser, a autora completa o raciocínio dizendo: “lá está ele sentado no chão, de um real que tenho de chamar de vegetativo para poder entender” (LISPECTOR, 1971, p.150). O real, que precisa ser chamado de vegetativo, é a pura atualidade inalcançável do menino, sua falta de história. Segundo Clarice, o menino precisará se deteriorar para poder ser desenhado e tal deterioração coincidirá com um

processo de *historização* que visa retirar o sujeito de sua pura atualidade. Só assim o menino estará ao alcance do conhecimento do observador.

Se real e história se opõem, é justamente por ser o real o que escapa a simbolização que a história pressupõe. O menino, em sua total atualidade, escapa ao sujeito que o observa. O menino do conto se encontra em um período de pura existência, ainda não sendo nem isso nem aquilo, mas de alguma maneira sendo. Modo semelhante à resposta de Deus dada a Moisés quando ele, diante de sua convocação para libertar os judeus do Egito, pergunta qual o nome de Deus: “Eu Sou o que Sou” (BÍBLIA, 2007, P. 240 - ÊXODO 3:14), respondeu uma voz de dentro da sarça ardente. Também Clarice parece nos dizer que o menino é o que é, mas um dia será mais do que isso; um dia será carpinteiro ou médico, ironiza a escritora destacando possibilidades distintas no campo social para o menino em quem acabaram de nascer os primeiros dentes.

Para Aoki & Tfouni (2012), essa pura atualidade do menino, desvinculada de qualquer temporalidade, é uma maneira da escritora nos apresentar o momento prévio à constituição do sujeito, uma espécie de pré-sujeito. Algo semelhante ao que sugere o professor de semiótica Fernando Segolin (1998), para quem o texto de Clarice mantém forte vínculo com o mito. Segundo o professor, o relato mítico objetiva relatar um momento primordial a partir do qual algo passa a existir. Destarte, o pequeno conto de Clarice não se ocuparia de outra coisa senão do nascimento do que o autor chama de homem *humano*. Como é tradição entre os heróis míticos, ao pequeno menino do conto também será exigida uma imolação. Para se tornar sujeito, ou homem *humano*, como quer Segolin, o menino terá de sacrificar, aos moldes de Adão, seu Éden de atualidade e se submeter a uma narrativa temporal.

Se há uma narrativa é porque há uma história, o que, como já foi dito, exige um processo de simbolização. Clarice destaca essa assertiva dizendo que faremos com o menino o mesmo que fizemos com aquele outro que disse Ser o que É: “Um dia o domesticaremos em humano, e poderemos desenhá-lo. Pois assim fizemos conosco e com Deus” (LISPECTOR, 1971, p.152). O uso do termo “domesticar” enfatiza a posição de assujeitamento que o menino terá que experimentar para passar “...do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida” (Lispector, 1971, p.152). Essa parece ser uma posição crítica de Clarice em relação à educação. O psicanalista Leandro de Lajonquière (2010) chega a se perguntar se a educação não

poderia ser entendida como aquilo que os *velhos* (sic) fazem com as crianças por terem eles próprios se beneficiado de uma operação semelhante. Nesse sentido, valeria a pena perguntar quais benefícios seriam esses e novamente encontramos algo muito interessante na obra de Clarice:

O próprio menino ajudará sua domesticação: ele é esforçado e coopera. Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. (...) Fazendo o grande sacrifício de não ser louco. Eu não sou louco por solidariedade com os milhares de nós que, para construir o possível, também sacrificaram a verdade que seria uma loucura. (Lispector, 1971, p.152)

O benefício desse auto-sacrifício da domesticação é construir um possível juntos, pois só dessa forma não seremos loucos. Novamente vale a pena refletirmos sobre a visão de Miller a respeito do real e da história. Segundo o psicanalista, a alucinação, sintoma paradigmático do inconsciente a céu aberto presente na loucura, é a marca de um real que emerge no verdadeiro, já que o verdadeiro está do lado da história e tem a mesma estrutura que a ficção. Se na neurose, o verdadeiro penetra o real, e nesse sentido uma análise busca tirar o sujeito de uma posição de alienação ao Outro, na psicose e, portanto, na loucura, é um traço do real que sobrepuja o verdadeiro. Miller conclui sua discussão dizendo que a neurose é o resultado do mergulho de um traço de nossa singularidade, que o autor chama de Um, na esfera do Outro, enquanto a psicose é um mergulho do Outro no Um: “a psicose liga-se ao Um sem o Outro, ela se agarra ao Um que absorveu o caos do discurso universal e que o sente, vive-o em seu interior” (MILLER, 2009, p.166).

Entendemos o Outro no ensino de Lacan como a morada dos significantes, e nesse sentido não há como o ser humano ficar fora dos efeitos do Outro. Se o ser não faz sua entrada no campo do Outro, isso não impede que ele, como afirmou Miller, absorva esse material significativo de forma totalmente desordenada, em um caos que chamamos de loucura, exatamente por estar esse caos mais próximo do real do que de algo que possa ser historiado. O processo de domesticação a que se refere Clarice é de suma importância na constituição da subjetividade, tendo como preço de sua não execução a loucura. Em que pese a importância do Outro no processo de subjetivação, não podemos deixar de considerar a denúncia da escritora e notarmos o sacrifício que tal domesticação implica e o assujeitamento que ela envolve. Isso pode nos ajudar a refletir sobre essa passagem tão traumática que todo humano é convidado a fazer. Antes de

prosseguir com outras perdas e ganhos envolvidos nesse processo, penso ser interessante destacarmos mais dois elementos do texto que podem estimular nossa reflexão sobre a transformação do que Clarice chamou de “existência” para o que ela chama de “vida”. Refiro-me a *O Menino*, com “m” maiúsculo, e a mãe.

O Menino e o imaginário

Como ressalta Marco Antonio Coutinho Jorge (2011), se o real é a parte que escapa à análise, ou seja, o que não se pode simbolizar, levando Lacan a dizer que o real *ex-siste*, o imaginário, por sua vez, seria na obra lacaniana o registro que daria consistência ao que no real aparece apenas como disforme. Dizer que o real *ex-siste* é dizer que o real existe somente do lado de fora do que poderia ser simbolizado, o prefixo *ex* nos aponta essa direção. Já o imaginário, consiste. Ou seja, ele dá alguma existência à cadeia, ainda que essa existência e consistência não passem de um produto imaginário que pode se desfazer diante de uma vacilação.

Esse jogo de consistência e vacilação do imaginário aparece no conto de Clarice na figura de *O Menino*, agora com a inicial maiúscula. Depois de a mãe ter se certificado que a criança estava quietinha, o menino se sente convocado a trabalhar e se levanta, é quando se depara com a figura na parede:

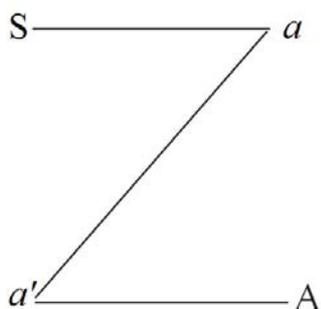
E na parede tem o retrato de *O Menino*. É difícil olhar para o retrato alto sem apoiar-se num móvel, isso ele ainda não treinou. Mas eis que sua própria dificuldade lhe serve de apoio: o que o mantém de pé é exatamente prender a atenção ao retrato alto, olhar para cima lhe serve de guindaste (LISPECTOR, 1971, p.152).

A forma imaginária de *O Menino* na parede, essa imagem, faz com que o menino se sustente. O menino se encontra como que encantado com a forma e a consistência de *O Menino*. Ao comentar esse trecho do conto, Luciana Pires lembra a menção feita por Lacan em 1949 de um menino que se defronta com sua imagem no espelho. A pesquisadora comenta que a imagem oferece ao menino uma experiência de unidade e integração de si mesmo. Ainda que essa unidade seja imaginária, ela se sobrepõe à vivência fragmentada que o menino experimenta por dentro do seu ser e que Clarice chama de pura atualidade: “Assim, postula-se o movimento alienante como inerente à construção da imagem do eu e simultaneamente fundador de uma cisão entre

a experiência de si mesmo tal qual vivida de dentro e a experiência compartilhada, nomeada, desenhada” (PIRES, 2008, p.2).

Percebemos assim que, na obra lacaniana, o eu é essencialmente imaginário, o que significa dizer que o eu é um reflexo dos objetos do mundo. Também Freud parece reconhecer uma vertente imaginária na constituição do eu quando destaca o papel da identificação no amor infantil. Segundo Freud (1923/1996), a relação do sujeito com o objeto pode ser de duas ordens distintas que por vezes se convergem: um desejo de ter e um desejo de ser o objeto. Assim, o que Lacan chamou de estágio do espelho seria marcado principalmente por uma espécie de amor que visa constituir o eu através de uma tentativa de se identificar com o objeto, numa ânsia não apenas de tê-lo, mas principalmente de sê-lo.

Essa mesma proposta encontramos em um escrito de Lacan (1957-58/1998) sobre a psicose. Em seu esquema L, Lacan indica que a constituição do sujeito passa primeiramente por uma relação entre o ser (S) e os objetos que o cercam, objetos que no esquema aparecem representados por um a minúsculo. Esse a indica que aqui não se trata do grande Outro (A), morada dos significantes para onde o sujeito endereça suas questões, mas o pequeno outro, seu semelhante. Como em um jogo de mimese, o sujeito, a partir dessa relação especular com o outro, constrói seu eu, que aparece no mesmo esquema como a' .



Lacan, 1957-58/1998, p.555

Vale ainda mencionar a explicação freudiana para as brincadeiras infantis. Para Freud (1908/1996), as crianças reproduzem em suas brincadeiras o modo adulto de se viver. Nesse sentido, são notáveis os meninos que buscam usar os sapatos dos pais ou as meninas que buscam maquiar-se como a mãe, numa espécie de espelhamento. Isso confirma a hipótese freudiana de que o brincar se guia pelo desejo de ser adulto. Esse jogo de imitação parece ser uma das heranças do estágio do espelho e que irá continuar sendo importante na formação do eu.

Assim como as crianças encontram consistência, forma, unidade e integração em objetos que lhe são externos, desde o espelho até os adultos, o menino de Clarice parece encontrar em *O Menino* retratado na parede alguma unidade que o sustenta durante um tempo. No entanto, essa integração de si mesmo, essa unidade encontrada a partir do outro, é imaginária e, como foi dito, diante de uma vacilação pode se dissipar. É o que Clarice nos indica: “Mas ele comete um erro: pestaneja. Ter pestanejado desliga-o por uma fração de segundo do retrato que o sustentava. O equilíbrio se desfaz – num único gesto total, ele cai sentado” (LISPECTOR, 1971, p.152).

A cena prossegue com o menino caído observando a própria baba que no momento da queda também foi ao chão. O menino toca a baba com a mão e percebe que a baba está agora em sua palma: “Então, de olhos bem abertos, lambe a baba que pertence ao menino. Ele pensa bem alto: menino” (LISPECTOR, 1971, p.153). Em sua análise sobre a cena, Luciana Pires aponta: “São dois os primeiros esboços identitários que sustentam o menino no conto: de um lado, temos “o retrato de *O Menino*” na parede (...), e, de lado oposto, temos “a baba clara” que lhe escorre da boca quando ele cai.” (Pires, 2008, p.2). De um lado o que está fora e ajuda a organizar imaginariamente o que está dentro; do outro lado o que veio de dentro, a baba, e que o menino agora reconhece como sendo um objeto do seu eu. Nesse instante aparece pela segunda vez o terceiro elemento que destacarei em minha análise: a mãe.

A mãe e o simbólico

A mãe já havia aparecido no conto quando resolveu certificar se o menino estava quietinho, o que provocou o movimento do menino que se levantou e viu o retrato na parede. Novamente a mãe aparece e com uma função ainda mais decisiva. A mãe oferece a palavra e o conforto. Primeiro ela pergunta quem o menino está chamando quando ele pensa em voz alta depois de lamber sua própria baba. O menino, tocado pela palavra materna, novamente se põe a trabalho e dessa vez a queda é mais drástica. Provoca choro e desespero. A mãe o pega no colo. Imerso no conforto dos braços maternos, o menino adormece: “Até que, em pesadelo súbito, uma das palavras que ele aprendeu lhe ocorre: ele estremece violentamente, abre os olhos” (LISPECTOR, 1971, p.153). Parece ser a terceira vez que a palavra, de algum modo, desperta o menino.

Antes ele já havia sido despertado de sua quietude por duas intervenções da mãe. Agora a palavra aparece em um súbito pesadelo.

A psicanalista argentina Alba Flesler (2012), ao descrever os tempos de constituição da subjetividade destaca a importância que o significante “despertar” tem na teoria psicanalítica. A autora não apenas retoma o termo despertar para designar a adolescência, como Lacan (1974/2003) já havia feito ao prefaciá-lo o livro de Wedekind (1973), como o utiliza para descrever também o início da vida sexual na infância. Com isso, Flesler indica a relação que o “despertar” tem com o real. Despertar equivale a encontrar com o real, o que Lacan, no livro 11 de seu *Seminário*, tomando a palavra emprestada de Aristóteles, chama de *tykhé*. Enquanto Lacan designa por *automaton* a “insistência dos signos aos quais nos vemos comandados pelo princípio do prazer” (Lacan, 1964/2008, p. 59), o termo *tykhé* irá aparecer como algo que se encontra além do princípio do prazer, como um tropeção, um encontro com o que é inassimilável pelo significante. Por isso Flesler diz que o primeiro despertar do sujeito se dá já na infância quando ele experimenta a sexualidade. Afinal, Lacan (1974/2003) havia assinalado que a sexualidade não faz sentido, ela faz furo no real. É isso que Lacan chama de despertar no seu prefácio ao *Despertar da Primavera*.

No conto de Clarice, é a palavra que desperta o menino. Ora, se o despertar é o encontro com o real, a palavra, mesmo em sua dimensão simbólica, representa o que traz inconsistência ao imaginário, o que de certa forma aponta para o real. Em outras palavras, a imagem do espelho é quebrada, não que isso signifique um despedaçamento total, mas há uma fissura que o simbólico impõe ao imaginário. Não por acaso, o próximo movimento do já citado esquema L de Lacan (1957-58/1998) será a entrada do Outro, assinalado como A. O Outro, como morada do significante, e por que não dizer também da palavra, irá dividir o ser (*S*) e fazer com que o eu perca parte de sua consistência imaginária. Só então teremos, de acordo com Lacan, um sujeito.

O menino narrado por Clarice desperta com a palavra sonhada, seu choro espalha pela casa, mas ele percebe, ou ao menos seu observador percebe, que é com a palavra que ele poderá ser reconhecido. A dimensão simbólica da palavra reaparece quando o texto ressalta a importância de transformar os soluços e lágrimas em algo compreensível:

Quase desfalece em soluços, com urgência ele tem que se transformar numa coisa que pode ser vista e ouvida senão ele ficará só, tem que se transformar em compreensível senão ninguém o compreenderá, senão ninguém irá para o seu silêncio ninguém o conhece se ele não disser e contar, farei tudo o que for

necessário para que eu seja dos outros e os outros sejam meus, pularei por cima de minha felicidade real que só me traria abandono, e serei popular, faço a barganha de ser amado, é inteiramente mágico chorar para ter em troca: mãe (LISPECTOR, 1971, p.153)

O menino precisa fazer sua entrada no simbólico para ser reconhecido. Trata-se de uma barganha. Mas por enquanto ele não precisa disso tão urgentemente, ainda conta com a mágica de chorar e ter em troca a mãe. O conforto materno novamente aparece no texto: “Mãe é: não morrer” (LISPECTOR, 1971, p. 153). No entanto, há um reconhecimento de que será preciso mais do que chorar, será preciso pular por cima de sua suposta felicidade real para não ser abandonado pelo Outro. Novamente Clarice destaca o sacrifício exigido para a existência se transformar em vida.

A mãe representa essa dimensão do Outro no conto de Clarice. Afinal, ela não apenas conforta e libidiniza a criança com palavras, colo, carinho e fraldas novas, como também nomeia seu desejo assinalando uma cisão entre a pulsão e as inúmeras representações que advêm do campo do Outro. O conto termina com o menino investigando suas fraldas e escutando “o coração batendo pesado na barriga: fonfom!” A mãe dá significado ao grito do menino: “Isso mesmo! diz a mãe com orgulho, isso mesmo, meu amor, é fonfom que passou agora pela rua, vou contar para o papai que você já aprendeu” (LISPECTOR, 171, p.153).

Finalmente aparece a figura do pai, como aquele para quem a mãe endereça seu desejo. Aoki & Tfouni (2012) interpretam essa menção ao pai como uma quebra da fusão do bebê com a mãe. A mãe contará ao pai a façanha do menino, sem notar a verdadeira parte que lhe cabe nela. Mas essa parece ser a função do Outro, nomear nosso desejo. De certo há qualquer violência nisso, mas parece fazer parte do sacrifício mencionado por Clarice para nossa salvação. Pires explica a cena recorrendo a palavras e outro conto da mesma escritora:

A mãe no anseio de dar palavras e figurabilidade ao menino assassina a “finíssima linha de extrema atualidade em que ele vive”. Essa experiência nos remete em abismo associativo às frases que, no conto “Legião Estrangeira”, a narradora dirige a Ofélia diante do pinto amado e morto: “Oh, não se assuste muito! às vezes a gente mata por amor ... a gente não ama bem...” (PIRES, 2008, p.3)

O sacrifício e a salvação

O menino coopera com sua domesticação:

“Coopera sem saber que essa ajuda que lhe pedimos é para o seu auto-sacrifício. Ultimamente ele até tem treinado muito. E assim continuará progredindo até que, pouco a pouco – pela bondade necessária com que nos salvamos – ele passará do tempo atual ao tempo cotidiano, da meditação à expressão, da existência à vida” (Lispector, 1971, p.151, grifo do autor).

Clarice cita no mesmo parágrafo o sacrifício e a salvação presentes na constituição do sujeito. Mas afinal, quais seriam esses sacrifícios e que tipo de salvação podemos sugerir? Já destaquei a menção de Clarice à loucura: sacrificamos nossa loucura para construir um possível junto com os outros que também sacrificaram suas loucuras.

Se retomarmos a discussão de Alba Flesler (2012) sobre os tempos do sujeito, poderemos ser mais específicos na descrição dessas perdas e ganhos. Para a psicanalista, a primeira grande perda que aguarda a criatura humana é uma perda de gozo. Afirma Freud (1905/1996) que a barreira ao incesto se apresenta como principal exigência cultural da sociedade que se presta a limitar o gozo do sujeito. Desde que o ser inicia sua entrada na cultura e no processo de humanização, lhe será apresentado modos de gozo mais ou menos adequados aos propósitos da sociedade (não apenas em relação ao coito). Isso, evidentemente, limitará suas possibilidades de gozar e mesmo a quantidade de energia pulsional satisfeita. É cômica a cena narrada por Marco Antonio Coutinho Jorge para exemplificar tal perda de gozo: “Um menino de seis anos, ao observar seu irmãozinho de leite mamando no peito de sua mãe, diz a ela: ‘Mamãe, eu também quero mamar!’ A mãe responde: ‘Mas você já mamou’ E ele exclama: ‘Mas eu não sabia’”. (COUTINHO JORGE, 2010, p.241). O autor comenta a cena assinalando a disjunção entre o saber e o gozo: ou o menino experimenta um gozo irrestrito sem que o saiba, ou após ser imerso na linguagem poderá passar a saber das coisas ao preço de perder seu gozo.

A incidência do Outro, dessa mãe que assassina a finíssima linha de atualidade em que o menino vive, provocará além da perda de gozo outros sacrifícios. Um segundo sacrifício sugerido pela psicanálise desde Freud é a perda de um possível objeto natural que satisfaça nossas necessidades. Essa talvez seja a principal distinção entre as palavras *Instinkt* e *Trieb* que Freud utiliza, ainda que haja pequenas imprecisões, como forças internas diferentes que guiam o animal e o homem. Se o instinto pressupõe um conhecimento herdado filogeneticamente que coloca o animal em busca dos objetos naturais para sua sobrevivência, a pulsão, possível tradução para *Trieb*, não teria um

objeto natural que o satisfizesse, mas suportaria uma infinidade de objetos que só se ligariam à pulsão através de um jogo simbólico. É essa a conclusão alcançada por Freud, depois de um interessante ensaio sobre as aberrações sexuais:

A experiência obtida nos casos considerados anormais nos ensina que, neles, há entre a pulsão sexual e o objeto sexual apenas uma solda, que corramos o risco de não ver em consequência da uniformidade do quadro normal, em que a pulsão parece trazer consigo o objeto. Assim, somos instruídos a afrouxar o vínculo que existe em nossos pensamentos entre a pulsão e o objeto. É provável que, de início, a pulsão sexual seja independente de seu objeto, e tampouco deve ela sua origem aos encantos deste (FREUD, 1905/1996, p.140).

O segundo sacrifício, portanto, seria deixar-se de guiar pelos instintos que conduzem aos objetos naturais e passar a guiar-se por um impulso que não diz nada sobre o objeto que o satisfaça, tendo o sujeito agora de buscá-lo no mundo simbólico da representação advinda do campo do Outro. O homem é condenado assim a escolher seus objetos e assumir os riscos que essa escolha implica. Como lembra Flesler (2012), as vacas não sofrem de transtornos alimentares nem precisam passar por nenhuma espécie de orientação vocacional.

O terceiro grande sacrifício apontado pela psicanálise é a perda de acesso direto ao real. O acesso deixa de ser imediato e passa a ser mediado pelas leis da linguagem. Clarice não deixa de mencionar isso quando diz que o menino precisará transformar seus soluços em algo compreensível. A partir daí ele não terá mais acesso ao que ocorre em seu interior sem a intermediação deste algo compreensível. E claro, maus entendidos serão constantes, como podemos supor no fim do conto, em que o menino tenta traduzir talvez sua fome pela palavra fonfom.

Mas, nem só de sacrifícios é feito o processo de subjetivação. Embora a entrada na cultura e a incidência da linguagem sejam de fato traumáticas, Clarice não se esquece de mencionar também a salvação. Para cada sacrifício é possível sugerir um ganho que aponta a salvação. Se, por um lado, a perda de gozo é um sinal de sacrifício, por outro, a intermitência desse gozo se traduzirá também em uma forma de apaziguamento. Afinal, o gozo, como conceito lacaniano que traduz o que na obra de Freud aparece como satisfação pulsional (tanto em relação à pulsão de vida como em relação à pulsão de morte) engloba ao mesmo tempo prazer e sofrimento. A intermitência do gozo torna-o suportável. A experiência de psicóticos em pleno surto, onde o gozo não consegue ser,

nas palavras de Miller, historiado, simbolizado e, em certa medida, contido, revela o quão nefasto pode ser o gozo irrestrito.

Em relação à segunda perda mencionada acima, a saber, a perda do objeto natural, o grande ganho é entrarmos na esfera do desejo. O objeto da pulsão está perdido desde sempre, resta ao ser humano eleger novos objetos a partir do Outro. Somente se o objeto não é mais pré-estabelecido pelo instinto se pode escolher – ainda que essa escolha seja determinada pelo Outro. A essa escolha chamamos desejo. E é o desejo que nos coloca a trabalho, é por desejo que escrevo essas linhas, é por desejo que se pinta, é por desejo que se constrói o que Clarice chamou de “o possível”, embora o próprio desejo seja impossível de se satisfazer completamente. Sempre há restos.

A retenção de uma parcela do gozo e a entrada no campo do desejo não são os únicos ganhos no processo de domesticação assinalado por Clarice. Ainda é preciso destacar o acesso ao mundo representativo como uma forma de salvação. Se o acesso imediato ao real é impossível, essa impossibilidade se revela, na verdade, como um infinito de possibilidades. Pode-se representar o mundo, tanto interno como externo, com milhares de formas e objetos. A arte, a brincadeira infantil, a palavra, os desenhos na caverna e nas folhas de cadernos, são alguns exemplos de representação. O retrato de *O Menino* na parede também. Um dos axiomas inaugurais da *Poética*, proferido por Aristóteles (1984), é de que o homem, desde a infância, traz consigo uma tendência à representação. Para o aluno de Platão, é a capacidade humana de imitar que coloca o homem em posição mais favorável do que a de outros animais: “O imitar é congênito no homem (e nisso difere dos outros viventes, pois, de todos, é ele o mais imitador, e, por imitação, aprende as primeiras noções), e os homens se comprazem no imitado.” (ARISTÓTELES, 1984, p.243). A representação – apresentação substitutiva do objeto – completa assim a lista de ganhos resultantes do processo de constituição de uma subjetividade. Mas não é demais lembrar, mais uma vez, que esse processo envolve grande sacrifício, como assinalado na pena de Clarice.

Considerações Finais

Difícil não se comover com a delicadeza usada por Clarice para descrever os passos do menino. As ironias, as surpresas, as metáforas, tudo parece extremamente medido e natural ao mesmo tempo. Para quem enxerga a infância como um sonho

idílico, Clarice revela, sem escandalizar, as dificuldades e sacrifícios envolvidos nessa etapa. A infância não é o Éden, aonde o trabalho ainda não chegou. A infância também é trabalho, é esforço, sacrifício, por vezes ela é infernal. A entrada na cultura não se dá sem perdas. A passagem da existência a vida é traumática. Necessária, mas traumática. Ao escreverem sobre a constituição do sujeito na psicanálise, Maria Cristina Ricotta Bruder e Jussara Falek Brauer (2007) lembram a frase fatídica de Lacan: “A bolsa ou a vida!”. Quem escolhe a bolsa perde a vida, única forma de desfrutar a bolsa. Quem escolhe a vida, leva uma vida decepada, castrada, sem a bolsa. Clarice também nos revela esse impasse. O menino tem um mundo para trair e vender, e o venderá. Faz parte da barganha. Não que o conto de Clarice peça ao leitor que ele se apiede das crianças. Mas nos convida a pensar em meios mais criativos de fazermos realizar essa passagem. E nos revela que a constituição do sujeito não é sem o Outro. Tampouco é uma operação que dependa só do Outro. É um *Pas-de-deux* entre o ser e o que lhe é alteridade. No fim do conto a mãe manipula o menino, puxa-o “...de baixo para cima e depois de cima para baixo, levantando-o pelas pernas, inclinando-o para trás, puxando-o de novo de baixo para cima”. Mas o menino está ali, presente, assistindo e participando de tudo com sua finíssima linha de atualidade: “Em todas as posições o menino conserva os olhos bem abertos. Secos como a fralda nova” (LISPECTOR, 1971, p.154).

Referências:

AOKI, Fernanda Cristina de Oliveira Santos & TFOUNI, Leda Verdiani. “Literatura e psicanálise: a arte como expressão da constituição do sujeito”. In: *Revista Querubim*. ano 08, nº17: 59-64, 2012. <http://www.uff.br/feuffrevistaquerubim/images/arquivos/publicacoes/zquerubim_17.pdf> Acesso em: 28 fev. 2014, 21h00min.

ARISTÓTELES. *Poética*. Trad. Eudoro de Sousa. São Paulo: Victor Civita, 1984. (Trabalho originalmente publicado no século IV a.C.).

BRUDER, Maria Cristina Ricotta & BRAUER, Jussara Falek. “A constituição do sujeito na psicanálise lacaniana: impasses na separação”. In: *Psicologia em Estudo*. v.12, n.3: 513-521, 2007. <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722007000300008>. Acesso em: 27 fev. 2014, 10h40min.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Almeida Corrigida e Fiel*. Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil (SBTB), 2007.

COUTINHO JORGE, Marco Antonio. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan* vol. II: A clínica da fantasia. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2010.

_____. *Fundamentos da Psicanálise de Freud a Lacan* vol. I: As bases conceituais. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2011.

FLESLER, A. (2012) *A psicanálise de crianças: e o lugar dos pais*. Rio de Janeiro: Zahar.

FREUD, S. *Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1905) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, vol. VII, pp.117-229.

_____. (1908) *Escritores Criativos e devaneios*, vol. IX, pp.133-146.

_____. (1923) *O Ego e o Id*, vol. XIX, pp.15-82.

LACAN, J (1957-58). De uma questão preliminar a todo tratamento possível da psicose. In: _____. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 537-590.

_____. (1964). *O Seminário, livro II: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise* (M. D. Magno, trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

_____. (1974) Prefácio a O despertar da primavera. In: _____. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

LAJONQUIÈRE, L. *Figuras do infantil: a psicanálise na vida cotidiana com as crianças*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

LISPECTOR, C. Menino a Bico de Pena. In: _____ *Felicidade Clandestina*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1971, pp.150-154.

MILLER, J.A. *Perspectivas do Seminário 23 de Lacan: O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

PIRES, Luciana. “Concepções da Infância em Clarice Lispector”. In: *XI Congresso Internacional da ABRALIC*. São Paulo, 2008. <
http://www.abralic.org.br/anais/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/048/LUCIANA_PIRES.pdf>. Acesso em: 27 fev. 2014, 10h40min.

SCHOPENHAUER, A. *Metafísica do Belo*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

SEGOLIN, Fernando. “Menino a bico de pena: mito, pré-lógos e téchne”. In: *Hypnos*. ano 03, nº4: 54-61, 1998.
<<http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0C-CsQFjAA&url=http%3A%2F%2Frevistas.pucsp.br%2Findex.php%2Fhypnos%2Farticl>

**REDESIGNING THE BOY: THE REAL, THE IMAGINARY AND THE
SYMBOLIC IN CLARICE LISPECTOR**

ABSTRACT:

Departing from Clarice Lispector's short-story "Menino a bico de pena", we intend to discuss the process of subjectivation of a child. For this, the concepts suggested by Lacan to think about the human subject (real, symbolic and imaginary) are included and analyzed from three main elements of the short story: the boy, the picture of *The Boy* and his mother. The article aims to study from the text of the writer the sacrifices and gains involved in the passage of a pure existence to what she calls life.

KEYWORDS: Clarice Lispector, psychoanalysis, childhood, subjectivation.

**REDESSINER LE GARÇON: LE REEL, L'IMAGINAIRE ET LE
SYMBOLIQUE DANS CLARICE LISPECTOR**

RESUME: À partir de l'analyse de l'histoire courte "Menino a bico de pena", de la journaliste et écrivaine Clarice Lispector, nous avons l'intention de discuter du processus de subjectivation de les enfants. Les concepts proposés par Lacan à penser le sujet humain (réel, symbolique et imaginaire) seront analysés à partir de trois éléments fondamentaux de l'histoire: le garçon, l'image de *L'Enfant* et sa mère. L'analyse vise étudier l'art de l'écrivaine que révèle subtilement les sacrifices et les gains impliqués dans le passage d'une existence pure à ce qu'elle appelle la vie.

MOTS-CLES: Clarice Lispector, la psychanalyse, de l'enfance, subjectivation.

Humberto Moacir de Oliveira

Recebido em: 17-06-2014

Aprovado em: 14-09-2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

www.psicanaliseebarroco.pro.br

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php

revista@psicanaliseebarroco.pro.br www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista